

ESCREVIVÊNCIA COMO MEDIADORA PARA UM “OUTRO” HORIZONTE EPISTEMOLÓGICO

Simone S. Ribeiro

Patrícia M. Giraldi

Suzani Cassiani

Vivente, o ser que vive. Vida, o que acontece entre o nascimento e a morte. Por essas duas simples definições trafegamos com nossas memórias e histórias de leituras, de texto e de contextos, discursos ditos e silenciados. Se aceitarmos a definição de vida traçada acima, podemos então dizer que o aprendizado é o que constitui a vida, o aprendizado, seja ele formal ou não é o que ocorre nesse tempo de existência. Aprender, desse ponto de vista, é estar vivo (Patrícia M. Giraldi)

1 APRESENTAÇÃO

Tendo a vida como pressuposto de aprendizagens múltiplas e partindo de denúncias e resistências propostas pelos estudos dos grupos: Modernidade/Colonialidade, estudos Pós Coloniais e Epistemologias do Sul, nos comprometemos com o exercício de pautar uma educação em ciências anti-racista, anti-homofóbica, que discuta subalternizações marcadas pelos capitalismo e heteropatriarcado, e, que esteja comprometida com o cumprimento dos direitos humanos para todos os indivíduos, com a inclusão de todas as racionalidades.

Na busca de parcerias para esta navegação, seguramos nas mãos da autora Conceição Evaristo e entendemos por meio de seus ensinamentos/luta que *escrevivência*⁷² é a escrita da vida. Assim escolhemos tomá-la como lentes de interpretação e intervenção para um “outro” horizonte epistemológico

⁷² *Escrevivência* - a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil, uma ferramenta de luta das mulheres negras (Oliveira, 2009).

(RIBEIRO, SANCHEZ e CASSIANI, 2019). Com a vida pulsando nesse novo lugar de escuta/escrita traçamos um projeto de pesquisa como pesquisadoras aprendentes, aqui no *lócus* do trabalho acadêmico aprendemos a escrever de maneira coletiva e junto ao grupo de pesquisa Discursos da Ciência e Tecnologia na Educação em Ciências -DiCiTE. Com este projeto temos o vislumbre/objetivo de narrar uma ciência produzida no diálogo com diferentes sujeitos, culturas, línguas através do deslocamento do lugar, onde há respostas prontas, construindo momentos de escuta no exercício de dar vida à pesquisa escritivente. Neste momento é necessário pontuar que temos a consciência que a escrevivência se trata de uma ferramenta que nasce desde as lutas de corpos e territórios subalternizados das mulheres negras. A intenção não é esvaziar a ferramenta de sentido e sim trazer os sentidos possíveis, captados por esta ferramenta para os espaços educativos e de construção de conhecimento com a finalidade de elucidar pautas ausentes e silenciadas.

Em um esforço/resistência de sulear os conhecimentos nos aproximamos dos sentidos da ciência nas lutas e histórias de vida de corpos violados e subalternizados, em um movimento anunciativo e denunciativo de modos ser e estar no mundo. Em nosso compromisso com uma educação em ciências humanizadoras temos materializado em nossas pesquisas novas possibilidades de caminhos metodológicos e como caminhos implicam margens e pontos de chegada, temos vislumbrado diferentes possibilidades de produzir conhecimento. Em uma dessas margens, como uma pequena nascente que sonha em ser mar, em 2018 um projeto de construção de uma plataforma multilíngue de práticas interculturais em ciências tomou forma com o nome de RePI (Repositório de Práticas Interculturais).

2 INTRODUÇÃO

No ensino de ciências e na área da educação científica e tecnológica, observam-se discursos ligados à redução e superação das desigualdades sociais, à justiça social e à emancipação dos sujeitos. Na prática ocorre, muitas vezes, o desprezo, a negação e o esquecimento dos saberes, das tecnologias e dos conhecimentos tradicionais e ancestrais que poderiam ser utilizados como "ponto de partida" e, de forma

dialogada, conectar-se aos conhecimentos e avanços tecnológicos atuais ensinados.

Discutimos no presente texto uma proposta estimulada por leituras iniciais provindas da linha teórica discutida pelo grupo de estudos “Modernidade/Colonialidade” (MC)⁷³. Essa linha teórica aprofunda e discute aspectos curriculares e suas relações com os efeitos das desigualdades, no intuito de superá-las. Dentre outros termos, o grupo define a decolonialidade com referência às possibilidades de pensamento a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista.

A perspectiva crítica (Modernidade/Colonialidade), explica o termo colonialidade como sendo uma estrutura global presente em uma lógica atual de exercício do poder e que atua em três eixos: colonialidade do poder, do ser e do saber (QUIJANO, 1997). Para estas discussões, enxerga-se o processo de invasão e colonização dos territórios pelos europeus, especialmente a partir do século XVI, subjugando culturas e povos, marcando até a atualidade a relação entre esse continente e os demais (DUSSEL, 2005).

De modo geral, “a colonialidade é a continuidade das formas de dominação, após o fim das administrações coloniais produzidas pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (GROSFOGUEL, 2008, p.126). Neste sentido, a colonialidade nos âmbitos econômico e social apresenta um modo próprio de se constituir nos territórios, estando presente na organização das próprias relações quotidianas e na construção social do espaço. É deste modo que a colonialidade do poder, é esboçada em distintos contextos, rivalizando grupos e vulgarizando, no imaginário social dominante a representação de cidadãos de segunda classe (SANTOS, 2015). A colonialidade do poder, ainda, traz uma hierarquia racializada imbricada na destruição dos valores das comunidades, através do epistemicídio e do racismo epistêmico (QUIJANO, 2006).

⁷³ São os chamados intelectuais decoloniais, a saber: o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o semiólogo e teórico cultural argentino, norte-americano Walter Dignolo, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, a linguista norte-americana radicada no Equador Catherine Walsh, o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, dentre outros.

A colonialidade do ser pressupõe classificação e divisão dos humanos em categorias binárias, ou seja, primitivo versus civilizado, promovendo a inferiorização, a subalternização e a desumanização das pessoas por conta de sua cor e/ou raízes ancestrais, gênero e sexualidade. Podemos ainda fazer uma ponte com os conceitos pautados por Bragato (2009) que relaciona a colonialidade do ser os *Direitos Humanos* que é pensado para todos as pessoas que compartilham humanidade. Neste entendimento, as humanidades são reguladas por uma racionalidade determinada que é conceitualmente formalizada em pressupostos eurocentrados. Interpreta-se que essa racionalidade aceita, funciona subalternizando e desumanizando indivíduos que não se enquadram nesta racionalidade. Percebemos com isso, a desumanização e a condição de não existência e invisibilização de minorias⁷⁴ que apresentam debilidade de poder e de racionalidade. Nesta perspectiva, violação aos Direitos Humanos pode atingir de maneira desigual os indivíduos.

Já no campo do saber, a colonialidade exerce sua violência impedindo que as pessoas compreendam o mundo a partir do próprio mundo em que vivem (PORTO-GONÇALVES, 2005). Deste modo, produções de tempos e lugares fora da Europa ou que partam do pensamento crítico de sujeitos subalternizados não são consideradas. Segundo as Epistemologias do Sul, a força da colonialidade levou a universalização da ciência (SANTOS, MENESES, 2010), inviabilizando saberes e conhecimentos de sujeitos não autorizados, atribuindo valores e uma hierarquia de conhecimentos.

Neste caminho discutimos que a educação escolarizada responde a uma demanda mercadológica, necessária para manter os arranjos econômicos, políticos e culturais existentes. Para desvincular-se desse posto de distribuição de poder econômico e cultural é necessário um processo democrático no qual todas as pessoas, não apenas aquelas que sejam as autorizadas pela tradição ocidental, possam estar envolvidas na deliberação de conceitos, conteúdos e contextos (APPLE, 2006). Portanto as discussões pautadas no exercício de pensamento com intensionalidades decoloniais se tornam

⁷⁴ Em uma classificação qualitativa, não quantitativa, já que somam um grande número de indivíduos (BRAGATO, 2009).

fundamentais para a inclusão de metas mais inclusivas no campo da educação para construir um projeto teórico com força política que se contraponha às tendências acadêmicas dominantes e eurocentradas, como a questão das diferenças.

Nesta linha, entendemos por meio das reflexões propostas por (MIGNOLO, 2003) que raça funciona como importante critério de distribuição da população mundial e conseqüentemente subalternização. Em uma intervenção/resistência, temos interesse nas falas e entendimentos das agentes/atrizes que também se fazem presentes nos processos de escolarização. Pensamos em uma educação em ciências que considere complexidades dos corpos/territórios como fatores de tensão para uma educação que fale direta e abertamente com os atores da educação pública.

2 A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E A NARRATIVA DE MULHERES NEGRAS

Na perspectiva étnico-racial, o epistemicídio⁷⁵ ocorre imbuído pelo “racismo epistêmico” (GROSFOGUEL, 2008), operando através das políticas identitárias dos brancos ocidentais, ou seja, a tradição de pensadores ocidentais sendo considerada como a única e legítima para a produção de conhecimentos e com capacidade de acesso à “universalidade” e à “verdade”. Respondendo a essa demanda criada pela colonialidade discuto que a autoria feminina negra retira a mulher do lugar de objeto, para um lugar de protagonismo tanto na representação de suas identidades como na afirmação do lugar de produtoras de conhecimento, construindo a partir do combate à discriminação interseccional uma sociedade mais plural (SILVA *et al*; 2011). O estudo de Silva *et al* (2011) destaca que a insurgência de mulheres negras frente a adversidades impostas é refletida no campo literário, rasurando modelos autorizados pela elite letrada, em uma sociedade

⁷⁵ Santos (1998) denomina como epistemicídio a política do conhecimento hegemônico que descredibilizou e suprimiu todas as práticas sociais de conhecimento que contrariassem os interesses da epistemologia dominante e da ciência que ela servia.

escritocêntrica⁷⁶, que hierarquiza manifestações culturais que possuem o binômio oralidade/memória como meio de difusão de saberes. As autoras pontuam que escritoras negras criam fissuras, na tentativa de deixar experiências autorais registradas em uma literatura que favorece o diálogo de saberes e o reconhecimento de experiências.

Como exemplo literário trago a autora Conceição Evaristo, pois observo intrínseca ligação entre os pressupostos defendidos e a literatura que exalta o lugar de fala da mulher negra provinda de comunidades e morros, retratando vidas subalternizadas. O texto de Conceição Evaristo apresenta a possibilidade de olhar para saberes e sabores “outros” endossados pela escrevivência que se constrói a partir de “rastros”: corpo, condição e experiência exemplificados por Oliveira (2009, s.p.):

O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa.

Conceição Evaristo, explícita em suas escrevivências o engajamento da intelectualidade afrodescendente com excluídos sociais, que ajuda a compor uma representação de determinada parcela da população que se relaciona com a dualidade social tão presente na atualidade: os invisibilizados e os outros (Oliveira, 2009). Segundo Sena (2012), Conceição e

⁷⁶ Sociedade escritocêntrica - explicamos que a sociedade de uma maneira geral tem o costume pautado na oralidade, porém a os conhecimentos realmente validados são pautados pela escrita, perspectiva advinda de uma racionalidade eurocêntrica.

sua escrita literária marcam um espaço para visualizarmos embates culturais, visto que a visibilidade de escritoras negras tem colocado perspectivas estéticas, trazendo a tona a emergência de outras epistemologias:

A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? (EVARISTO, 2017, p. 13).

Desta maneira, adotamos a escrevivência e a narrativa de mulheres negras como horizonte epistemológico pautado em uma perspectiva decolonial defendida por Mignolo (2003), em que a prática literária seja concebida como produção de conhecimento teórico e reflexão sobre problemas de interesse humano, histórico e científico, incluindo os aspectos políticos da língua (quem escreve/ como escreve / de onde escreve). Assim, a literatura poderá ser considerada, também, como um lugar de conhecimento baseado em memórias e representações como forma de interpretação e intervenção em um “outro” horizonte epistemológico.

As escrevivências se inserem em pensamentos e lutas das autorais, sem compromisso com a neutralidade, porém com palavras escolhidas que retratam histórias de vida, desafios, corpos violados e subalternizados em uma mistura poética e denunciativa não implícita. Como a consciência de um eu coletivo a autora sabe que é porta-voz, sabe da responsabilidade que assume diante de tantos outros iguais que não têm condições de falar (FERREIRA, 2013).

Assim sendo, é necessário criar formas de discutir o propósito da Ciência e de seu ensino, através da problematização de suas histórias, construções de sentidos de seu papel colonizador junto a africanos no continente e na diáspora, mulheres, povos indígenas, homossexuais, pobres, enfim todos que sofrem opressão.

2.1 Objetivo

Na medida em que entendemos que a universidade e a educação podem contribuir de forma decisiva na preservação

do patrimônio histórico e cultural da humanidade, bem como na produção de tecnologias sociais, com o objetivo de servir de forma dialógica à integração entre passado, presente e futuro. Entendemos que as novas tecnologias e os avanços científicos se edificam sobre os saberes e as tecnologias ancestrais e tradicionais e que é urgente a necessidade de reconhecimento e valorização. Como já foi citado, as diferenças entre o colonial e o moderno produziram uma classificação no imaginário do planeta, por meio da colonialidade do poder/saber, na qual transformam diferenças em valores (Mignolo, 2003). Este movimento unilateral e verticalizado da abordagem do conhecimento científico em ambientes educacionais formais e, conseqüentemente, da imposição de ideias na formação de professores, também pode ser considerado a partir da ótica de uma transnacionalização da educação, que, ao desconsiderar a voz dos povos a que se destina, pode vir a se constituir neocolonial ou subalterna. Assim, temos o vislumbre/objetivo de narrar uma ciência produzida no diálogo com diferentes sujeitos, culturas, línguas através do deslocamento do lugar, onde há respostas prontas construindo momentos de escuta e dar vida à pesquisa escreviente.

2.2 Metodologia

Como esta reflexão teórica se constitui em pensar uma metodologia direcionada a alcançar determinadas metas sociais, políticas e econômicas, incorporando “os grupos específicos de base como ‘agentes’ ativos – que não ‘objetos’ exploráveis – da investigação em pé de igualdade com os investigadores” (FALS BORDA, 2013, p.243). Nos inspiramos na escrevivência e na pesquisa-ação com a finalidade de aprender no decorrer dos processos. Então, não partimos de um caminho específico e nem temos respostas formuladas, o caminho será construído enquanto caminhamos dependendo diretamente das subjetividades/necessidades encontradas. Porém, temos um ponto de partida que é o que define essa possibilidade de encontro: 1- Grupo de estudos Discursos da Ciência e Tecnologia na Educação em Ciências – DiCiTE e 2 - RePI (Repositório de Práticas Interculturais), que apresentamos nos próximos tópicos.

2 DISCURSOS DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS –DICITE

Segundo CASSIANI *et al*, 2014, desde março de 2004, pesquisadores de diferentes áreas disciplinares da Universidade Federal de Santa Catarina, reconhecendo a necessidade de aprofundar questões relacionadas à educação e linguagem no ensino de ciências e tecnologia face aos entendimentos públicos, políticos e sociais das relações entre ciência, tecnologia e sociedade, encontram-se em um Grupo de Estudos e pesquisas de caráter interdisciplinar que recebe o acrônimo DiCiTE (Discursos da Ciência e da Tecnologia na Educação). Os integrantes do DiCiTE estão ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, ao Centro de Ciências da Educação, ao Centro Tecnológico, ao Centro de Ciências Biológicas, todos da UFSC, além de alguns profissionais da rede pública e particular de ensino de Florianópolis.

O grupo criado a 15 anos apresenta consistência teórica, porém se transforma e apura discussões, dependendo das afinidades e necessidades teóricas de um dado momento histórico. Em decorrência dos inúmeros retrocessos vividos no âmbito social e político desde a época do golpe (2016, com queda da Presidenta Dilma Roussef, eleita democraticamente em 2014), nos atemos a questões críticas que refletem tensões tanto nos âmbitos escolares como na sociedade em geral modificando dinâmicas com temas de disputas curriculares que são caros a formação humanitária e cidadã dos indivíduos como gênero, sexualidade, racismo, racismo ambiental, homofobia, transfobia e direitos humanos. O grupo atua com estratégias de resistência teóricas e metodológicas comprometido com intencionalidades de uma educação crítica e humanizadora.

Das atividades do grupo, que envolvem estudos de ensaios teóricos, oficinas, formação de professores, projetos de extensão em espaços formais e não formais de educação estão resultando pesquisas e articulações de temáticas inerentes emergidas no DiCiTE e desde os territórios na/com parcerias de atores sociais nos meios que os pesquisadores transitam. Na integração e socialização das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo são realizados Projetos de Formação Continuada de Professores, Extensão em escolas públicas e espaços políticos

de luta social como comunidades indígenas, coletivos de lutas antirracista e educação de Jovens, adultos e idosos. Temos organizado eventos, tais como seminários, palestras e ações locais, além de publicações que socializam os projetos de pesquisa, de ensino e de extensão desenvolvidos pelos integrantes do Grupo, aí relacionadas teses e dissertações, lista de discussões na Internet, artigos em revistas indexadas e não-indexadas, livros, participação de encontros com pesquisadores da área, seminários e *workshops*.

3 REPI (REPOSITÓRIO DE PRÁTICAS INTERCULTURAIS).

O eixo principal do projeto é a construção de saberes e práticas interculturais que tratem dos efeitos de colonialidade e saídas emancipadoras para essa problemática, com vistas à construção de um repositório *online* multilíngue. Essas noções se relacionam com a dominação por meios não coercitivos, mas que subalternizam e desumanizam os povos, provocando perda de identidade cultural, dependência e falta de pertencimento. Procurando encontrar caminhos para contrapor esses efeitos, entendemos que as parcerias entre pesquisadores e instituições internacionais, preocupados com essas temáticas, favorecem um diálogo de saberes, o reconhecimento das experiências e produções já existentes e a produção de tecnologias sociais. Pretendemos desenvolver redes de investigação, estudo, diagnóstico de questões locais e regionais relevantes, contribuições para cooperações internacionais, divulgação de pesquisas e um repositório *online* com diferentes materiais produzidos no projeto.

Os passos para a elaboração desse repositório se dará em no decorrer das fases: levantar/mapear temas/problemas locais e regionais dos diversos países participantes, que possuem problemáticas semelhantes, com vistas à subsidiar a produção científica e tecnológica e o ensino dialógico em vários níveis; alimentar o REPI, o repositório *online* <http://repi-dicite.nute.ufsc.br/> multilíngue e intercultural de práticas, saberes e tecnologias locais, com vistas à internacionalização multilíngue da memória, do conhecimento e das tradições locais e ancestrais mapeadas; produzir materiais didáticos multilíngues cujo conteúdo expresse o diálogo de saberes

entre conhecimentos locais (ancestrais e tradicionais) e a ciência e tecnologia moderna.

3.1 Encaminhamentos

Como desfecho, porém, sem presunções conclusivas, procuramos abordagens com a intencionalidade de investigar possibilidades de um Ensino de Ciências que supere a colonialidade do saber. Segundo Quijano (2007) a dominação do saber é pautada em uma racionalidade eurocentrada, delimitando os saberes e conceitos “outros” como menores.

Numa perspectiva contrária a eurocentrada, sem o compromisso de instaurar novas verdades, mas caminhar por outras lógicas, permitir novos conteúdos e novos caminhos epistêmicos, defendemos que, imagens criadas pela colonialidade sejam capazes de funcionar como alternativas intrigadoras para o enfrentamento da colonialidade do saber: “[...] pensar a partir das experiências e das margens criadas pela colonialidade, como forma de intervenção para um novo horizonte epistemológico” (MIGNOLO, 2003, s.p.).

Pensando nos pressupostos defendidos por Catherine Walsh (2005) focamos o olhar para possibilidades “outras” de entendimentos na tentativa de transpor estruturas que trazem em sua prática a lógica epistêmica ocidental, a racialização do mundo e a manutenção da colonialidade. Se mostra importante ressaltar, ainda em conversa com Catherine, que as decolonização é uma forma de desaprendizagem e aprendizagem, a estrutura inclui todas e todos e se constrói a partir dos distintos lugares. Desta maneira as aprendizagens se dão de maneiras distintas em distintos território, é importante olharmos para os conceitos e conteúdos partindo das realidades locais com o desafio de pensar desde um lugar resistindo e (re)existindo.

Em um esforço/resistência de sulear os conhecimentos nos aproximamos dos sentidos da ciência nas lutas e histórias de vida de corpos violados e subalternizados, em um movimento anunciativo e denunciativo de modos ser e estar no mundo. Em nosso compromisso com uma educação em ciências humanizadora temos materializado em nossas pesquisas novas possibilidades de caminhos metodológicos e como caminhos implicam margens e pontos de chegada, temos vislumbrado diferentes possibilidades de produzir conhecimento. Em uma

dessas margens, como uma pequena nascente que sonha em ser mar, em 2018 um projeto de construção de uma plataforma multilíngue de práticas interculturais em ciências tomou forma com o nome de RePI (Repositório de Práticas Interculturais).

AGRADECIMENTOS

As pessoas autoras agradecem o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que concederam bolsa de pesquisa para realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. Ideologia e Currículo. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRAGATO, Fernanda Frizzo. Pessoa humana e direitos humanos na Constituição brasileira de 1988 a partir da perspectiva pós-colonial. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, v. 11, p. 89-117, 2013.

CASSIANI, S. et al. O Grupo DiCiTE – Discursos da Ciência e da Tecnologia na Educação. Ciência & Ensino, Campinas, v. 3, n. 11, p. 1-19, 2014.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais perspectivas latino-americanas. Colección Sur-Sur. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

EVARISTO, Conceição. Olhos d' Água. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERREIRA, Amanda Crispim. Escrivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2013.

FALS BORDA, O. Reflexões sobre la aplicación del método de estudio-acción em Colombia. In: HERRERA FARFÁN, N.A.; LÓPEZ GUSMAN, L.

(Orgs.). Compromiso y cambio social. Textos de Orlando Fals Borda. Buenos Aires: El Colectivo Lanzas, 2013. p. 241-252.

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147, 2008.

MIGNOLO, Walter. Histórias Globais projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. Escrivência em Becos da memória, de Conceição Evaristo. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 17, n. 02, p. 621-623, 2009.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da Edição em Português. In: LANDER, E. (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, set. 2005. (Colección Sur Sur)

QUIJANO, Anibal. Estado-nación y 'movimientos indígenas' en la región Andina, cuestiones abiertas. In: Movimientos sociales y gobiernos en la región andina. Resistencias y alternativas, Lo político y lo social. Revista del Observatorio Social de América Latina, CLACSO, Buenos Aires, v. 8, n. 9, p. 15-24, 2006.

RIBEIRO, Simone; SANCHEZ, Celso e CASSIANI, Suzani. Encontros com Maria Nova e os desencantos com o racismo ambiental. Resistir, (re)existir e (re)inventar a Educação Científica e Tecnológica. Florianópolis: NUP, 2019. p. 387-399.

SANTOS, Boaventura de Sousa. La Globalización del Derecho: los Nuevos Caminos de la Regulación y la Emancipación. Bogotá: ILSA, Universidad Nacional de Colombia, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SENA, Tatiana. Traçando identificações: A Poética de Conceição Evaristo entre Movimento negro e feminista. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Pontos de Interrogação n. Alagoinhas, 2012.

SILVA, Fernanda Felisberto da. Escrivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

WALSH, Catherine. Introducción: (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, Catherine. (Org.). Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005.